

## **MAIS UMA PRIMAVERA HISTÓRICA, OS ÁRABES PLANTAM FLORES NOS DESERTOS**

Yet Another Historical Spring, the Arabs Plant Flowers in  
the Desert

*Renatho Costa<sup>1</sup>*

Depois de um longo inverno, chega a Primavera para saudar a vida e lembrar ao mundo de que por mais longa que seja uma estação, um dia cessará e nascerão as flores. O ciclo das estações do ano – tão bem divididas em quatro períodos – nem sempre pode ser transposto à realidade dos Estados. Muitas vezes o “inverno” não chega a ser tão frio ao ponto de exterminar uma população, mas faz com que ela tenha sua capacidade de reação reduzida ao simples ato de sobreviver.

Metáforas à parte, no fatídico ano de 1968, em que o mundo resolveu rever conceitos e comportamentos, que movimentos populares (basicamente formados por estudantes) ocuparam as ruas francesas, estadunidenses, brasileiras e de mais tantos lugares afora, a antiga Tchecoslováquia, em 5 de janeiro, vivenciou a “Primavera de Praga”. Ao chegar ao poder, o eslovaco Alexander Dubček provocou uma transformação substancial no país comunista, dominado pela lógica da Guerra Fria.

O “socialismo com face humana”, proposto por Dubček, o qual reduziu as restrições de liberdade dos cidadãos e da imprensa, além de apontar para uma política econômica descentralizada e com inclinações mais democráticas, se configurava no anseio maior da população. No entanto, da mesma maneira que as estações do ano não perduram e, tampouco correspondem à lógica dos interesses políticos das potências, sem ter tido tempo para que as flores que brotaram em Praga pudessem florescer, a União Soviética invadiu a Tchecoslováquia em 21 de agosto e a História tomou novos

---

<sup>1</sup> Mestre e doutorando em História Social (FFLCH-USP), Professor Assistente de Relações Internacionais da UNIPAMPA. Blog: [www.rcacademico.blogspot.com](http://www.rcacademico.blogspot.com) / E-mail: [renatho\\_costa@hotmail.com](mailto:renatho_costa@hotmail.com)

rumos; muitos deles contados através da visão metafórica de Milan Kundera em “A insustentável leveza do ser”<sup>2</sup>.

Perpassados 43 anos, não mais havendo uma divisão ideológica do mundo, e, a Europa livre de ditaduras, os problemas políticos e econômicos atravessam o mar Mediterrâneo e aportam no norte da África (com direito a se alastrarem para o Oriente Médio). Num momento de ruptura do *status quo* estabelecido pelos governos autoritários dos países africanos, as populações clamam por liberdade. Talvez ouvindo ecos dos manifestantes de 1968.

No entanto, a situação política do norte da África não pode ser analisada como um romance de Kundera. Os movimentos populares que tiveram início na Tunísia, depois se deslocaram para o Egito e atingiram a Líbia (além dos desdobramentos no Oriente Médio), são reflexo de um modelo de política externa das potências que fomentou e manteve ditaduras nessas localidades. Hourani salienta que esse processo vem sendo construído desde o final do século XIX, e intensificou-se no XX; nele,

[...] os movimentos de oposição da década de 1920 foram contidos, a Grã-Bretanha e a França não enfrentaram desafios internos sérios a seu poder no Oriente Médio e no Magreb<sup>3</sup>, e por alguns anos não houve desafios externos tampouco. Os outros grandes estados europeus – os impérios Russo, Alemão e Austro-Húngaro – haviam desmoronado ou se retirado para si mesmo depois da guerra, e isso significou que o Oriente Médio, que por muito tempo tinha sido um campo de ação comum ou rivalidade para cinco ou seis potências européias, era agora domínio da Grã-Bretanha e França, e mais da Grã-Bretanha que da França, que emergia formalmente vitoriosa mas muito enfraquecida da guerra; no Magreb, porém, a França continuou a ser a potência suprema.

Para a Grã-Bretanha e a França, o controle dos países árabes era importante não só por causa de seus interesses na própria região, mas porque isso fortalecia sua posição no mundo. [...] Havia também interesses mais gerais: a presença da Grã-Bretanha no Oriente Médio ajudava a manter sua posição como potência mediterrânea e mundial. A rota marítima para a Índia e o Extremo Oriente passava pelo canal de Suez. As rotas aéreas pelo Oriente

---

2 Publicado em 1984, depois foi traduzido para diversos idiomas e, em 1988, Philip Kaufman faz sua adaptação para o cinema com o título original de “The Unbearable Lightness of Being”.

<sup>3</sup> Considera-se como Magreb a região norte e noroeste da África, que abrange os países árabes Marrocos, Saara Ocidental, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia. Há classificações que consideram o Egito com pertencente ao Magreb, contudo, é mais comum estar inserido nos limites do Oriente Médio

Médio estavam sendo desenvolvidas nas décadas de 1920 e 1930; uma ia pelo Egito ao Iraque e à Índia, outra através do Egito para a África no sul. (2001, p. 322-333)

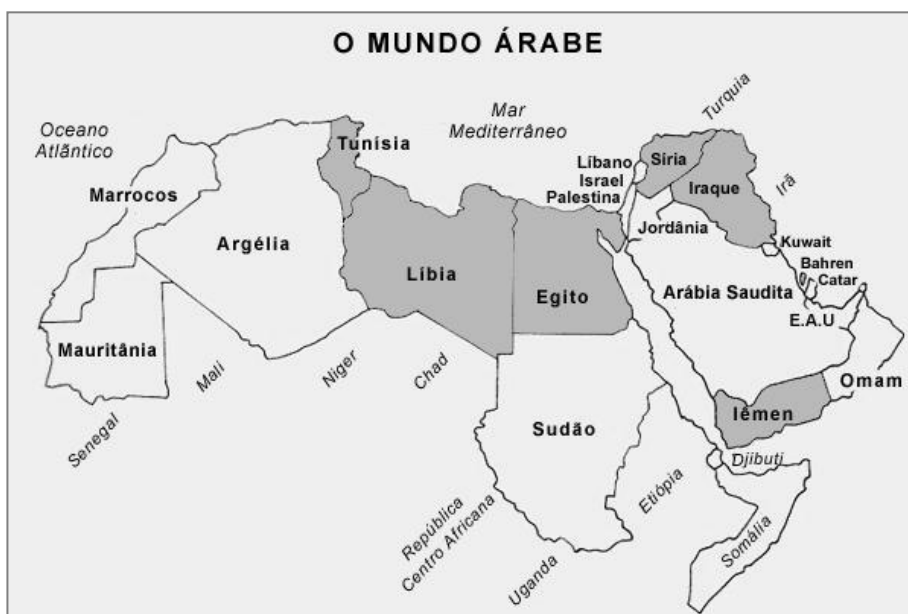
Se, por um lado, a estrutura do poder sofreu alteração substancial no pós-Segunda Guerra e fez com que outros atores assumissem o *status* de potência no sistema internacional – Estados Unidos e União Soviética –, por outro, a perspectiva que se tinha do Magreb e Oriente Médio não sofreu grande alteração. A região continuava sendo de interesse geopolítico para as potências e a lógica da Guerra Fria propiciava a construção de alianças que serviam para impedir a expansão das forças opostas.

Por sua vez, o alinhamento dos demais países aos blocos Capitalista e Comunista seguia a lógica da influência do poder e da oferta de benefícios (muitos deles, econômicos), contudo, os aspectos estratégicos não deixavam de ser notados, tanto que, durante a administração do presidente estadunidense Henry Truman, os Estados Unidos se envolveram na “Questão Palestina” que geraria (e gera) o ódio de grande parcela dos árabes até os dias de hoje.

A decisão de Truman de apoiar a criação do Estado de Israel foi tomada ao arpejo dos pareceres da maior parte dos seus conselheiros e, principalmente, dos funcionários do Departamento de Estado e Defesa. Os membros do aparelho burocrático eram da opinião de que esta decisão prejudicaria as relações dos Estados Unidos com o mundo árabe: havia, por um lado, a questão das companhias petrolíferas americanas que operavam na área e também a necessidade de assegurar o fortalecimento contínuo e a baixo preço de petróleo aos Estados Unidos e à Europa em fase de reconstrução. Os Americanos também queriam preservar as bases militares na região, em especial a base de Dhahran na Arábia Saudita. No geral, havia a preocupação que a criação do Estado judaico fortalecesse o extremismo no mundo árabe, aumentasse a instabilidade e, nesse sentido, favorecesse a penetração da URSS na zona. (SPIEGEL *apud* PINTO, 2003, p. 72)

A década de 1940 trouxe mais uma transformação no panorama político do Oriente Médio, qual seja, o sistema de Mandatos, que havia sido ratificado pela Liga das Nações e dava o direito de as potências tutelarem os Estados criados a partir da fragmentação do Império Otomano, perdera gradualmente sua legitimidade e os países buscavam o direito de se autogovernarem. Assim, essa década, gradualmente, levou os países à independência política (Líbano em 1943; Síria em 1946; Iraque, apesar de

independente de 1931, continuou sob domínio britânico até final da II Guerra Mundial, quando passou a ser zona de influência dos EUA; Palestina em 1947 houve a propositura da criação de dois países, mas apenas Israel se converteu em um Estado, as guerras subsequentes inviabilizaram a criação do Estado palestino o que é objeto de atritos até os dias atuais).



O Egito, apesar de não se configurar numa região em que o sistema de mandatos tivesse sido adotado, passou a viver cada vez mais sob o domínio britânico, principalmente a partir de 1936, com a assinatura do Tratado Anglo-egípcio. Além de manter as tropas na região de Suez, os britânicos passaram a interferir na monarquia egípcia o que levou ao golpe militar de 1952 e a um posterior movimento nacionalista liderado por Gamal Abdel Nasser. Dentro da lógica da Guerra Fria, Nasser estabeleceu um posicionamento extremamente pragmático, ou seja, ao mesmo tempo que conseguia manter laços com a União Soviética, liderava o grupo dos chamados “Países Não-Alinhados”, um bloco que contava com a participação do Brasil. Contudo, após sua morte, em 1970, e ascensão de Anwar Al-Sadat ao governo, o Egito passa à órbita de poder dos Estados Unidos. Ainda mais depois de Sadat firmar o Acordo de Paz com o Estado de Israel em 1979.

A postura do Egito gerou repulsa por parte da grande maioria dos estados árabes. A paz com os israelenses foi vista como um sinal de traição à comunidade árabe e palestina. E, devido aos atos de extremismo, em 1981, Sadat foi assassinado durante uma parada militar. A partir daí, Hosni Mubarak assumiu o governo, preservou os interesses estadunidenses na região e recebeu a devida contrapartida financeira que patrocinou seu governo até a Primavera Árabe.

Seguindo um caminho distinto, o processo que levou a Tunísia à independência foi um tanto mais tardio, apenas em 1956 é conseguida sua autonomia da França, entretanto, a partir da primeira eleição o país já começa a trilhar um caminho pautado pelo autoritarismo. A eleição de Habib Bourguiba, em 1959, sua posterior centralização do poder e criação do sistema de partido único fizeram com que o país cada vez mais fortalecesse o modelo autocrático e gerasse o empobrecimento da população. A crise econômica da década de 1980, além dos atritos com a Líbia, desgastam o governo de Bourguiba e levam ao poder Zine El Abidine Ben Ali. De uma promessa de progresso e desenvolvimento, que aflorou no início de seu governo, década de 1990, gradualmente a Tunísia foi caminhando para o modelo de centralização política, perseguição à oposição e empobrecimento da população menos favorecida. No final de 2010 a população começa a manifestar-se contra o governo de Ben Ali e a Primavera Árabe chega ao país.

A vizinha, Líbia, durante o século XX, não fugiu dos interesses das grandes potências. Inicialmente esteve sob o domínio da Itália, que havia conquistado o território do Império Otomano, entretanto, com sua derrota durante a Segunda Guerra, o país passou a ser controlado pela Grã-Bretanha e França. No início da década de 1950 houve uma transformação substancial na lógica do poder que atuava na região. O país foi admitido à Liga Árabe e, na sequência, abriu-se a possibilidade para que os Estados Unidos e Grã-Bretanha mantivessem contingentes militares no país, inclusive com a instalação de bases. O processo de interferência estrangeira na Líbia foi intensificado com a descoberta de petróleo, contudo, também fortaleceu o sentimento nacional (ou de interesses das elites que dominavam o governo) no país.

Sem qualquer ligação com as mudanças clamadas pelos movimentos estudantis de 1968, mas, sim, no intuito de derrubar a monarquia líbia e estabelecer um modelo de

governo que se autoproclamava socialista, um grupo de oficiais assumiu o poder (1969). Na liderança desse grupo estava o coronel Muammar Kadafi.

A história da Líbia vai passar por algumas transformações durante o governo de Kadafi. Desde seu início, devido à inclinação ao que seria um modelo socialista, o Ocidente não o percebeu de maneira amistosa, também, no intuito de afrontar o sistema internacional, Kadafi passou a apoiar organizações que estavam envolvidas em lutas armadas e eram consideradas terroristas. Assim, Hezbollah, OLP, IRA e ETA tiveram suas operações facilitadas pela armas e explosivo fornecidos pelos líbios.

Por volta de 1985, o prestígio de Kadhafi era alto entre os terroristas, embora eles tivessem consciência de que o ditador líbio tendia a promover mais do que tinha capacidade de fazer. Contudo, seguramente, ele parecia mais desejoso de aceitar o risco de desafiar as potências importantes que qualquer outro país. Quanto mais extremado o grupo, maior a possibilidade de receber assistência, se mais não fosse, refúgio em Trípoli. Ao mesmo tempo, a ativa e aparentemente bem-sucedida oposição de Kadhafi ao fundamentalismo islâmico fez com que alguns de seus vizinhos pouco amistosos da Líbia hesitassem em tomar medidas drásticas contra o ditador. Os que não o admiravam pareciam temê-lo, pelo menos no mundo árabe. Os sucessos de Kadhafi fizeram com que ele perdesse qualquer resquício de realidade que ainda possuísse. Ultrapassou o limite do que era internacionalmente aceitável e provocou uma reação que causou drástico declínio de sua posição e redução nas operações terroristas por ele patrocinadas. (WHITTAKER, 2005, p. 118)

O envolvimento da Líbia em vários atentados de grande relevância (ataques aos aeroportos de Roma e Viena, explosão de boate em Berlin Ocidental e tentativa de sequestro de avião da TWA sobre a Grécia) fez com que os Estados Unidos mudassem seu posicionamento e programassem ataques aéreos sobre alvos líbios (1986). Entretanto, a resposta de Kadafi se deu com o patrocínio do atentado ao voo 103, da companhia aérea estadunidense, Pan Am. A aeronave explodiu sobre a cidade de Lockerbie (Escócia), em 1988, e o não reconhecimento da ação pelos líbios fez com que o país passasse a sofrer inúmeras sanções (econômicas, diplomáticas, dentre outras).

Apresentando uma postura bastante pragmática, a partir de 1998 Kadafi aceitou que os dois agentes líbios envolvidos no atentado de Lockerbie fossem extraditados para serem julgados pelo crime, desde que o julgamento não ocorresse nos Estados Unidos. Também assumiu a responsabilidade pelo atentado e comprometeu-se a

indenizar as famílias das vítimas. Foi a redenção de um “ex-terrorista”, fato esse que reabriu as portas do mundo para Kadafi e a Líbia, contudo, o modelo de governo interno não sofreu grandes alterações e o autoritarismo perdurou até que os ventos da Primavera Árabe chegaram ao país.

### **O Despertar da Primavera**

Quando Frank Wedekind escreveu sua obra mais famosa, “O despertar da primavera” (1891), expunha, com mais explicitude que o convencional, para a época, a repressão que os adolescentes sofriam e a dificuldade de extravasarem seus desejos e necessidades. Repressão é a palavra chave para essa obra e os desdobramentos dela geram atos que eram vistos como aberrativos para o *establishment*.

Que tipo de relação poderia ser estabelecida entre a obra de Wedekind e a situação política que os países do Magreb e Oriente Médio vivenciam nesse momento? Em que sentido a ingenuidade dos personagens adolescentes do final do século XIX se integram aos jovens revolucionários da Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen, e muitos outros dessa “Primavera Árabe”?

À parte as particularidades, de fato, a palavra chave é **repressão**. Os países que ora vivem sua “Primavera” nunca conseguiram passar da adolescência e sempre tiveram “alguém” que os tutelasse. Sob o Império Otomano estavam ligados pela religião ao sultanato, no momento seguinte, apesar do reconhecimento do direito de autodeterminação dos povos, alguns foram subjugados e tiveram de esperar para alcançarem a liberdade (ou vida adulta). A interferência estrangeira na África e Oriente Médio trouxe consigo a perspectiva de um colonizador que simplesmente impõe suas vontades e manipula as situações como bem lhe interessa. Edward Said, muito bem descreveu essa visão do europeu frente o povo árabe (e mesmo islâmico),

O Oriente como representação na Europa é formado – ou deformado – por uma sensibilidade cada vez mais específica a uma região geográfica chamada “o Oriente”. Os especialistas nessa região trabalham sobre o Oriente, por assim dizer, porque com o tempo sua profissão de orientalistas requer que apresentem à sociedade imagens sobre o Oriente, um conhecimento sobre o Oriente, uma compreensão acurada a seu respeito. E, em seguida, o

orientalista oferece a sua própria sociedade representações do Oriente (*a*) que possuem a mesma marca distintiva, (*b*) que ilustram a sua concepção do que o Oriente pode ou deve ser, (*c*) que conscientemente contestam a visão do Oriente de alguma outra pessoa, (*d*) que fornecem ao discurso orientalista aquilo de que, naquele momento, parece necessitar muito, e (*e*) que respondem a certos requisitos culturais, profissionais, nacionais, políticos e econômicos da época. (SAID, 2007, p. 366)

Partindo dessa premissa e visão preestabelecida acerca do que vem a ser “o Oriente” e, conseqüentemente, o árabe, toda a estrutura que foi criada visou deixar a região sob o controle das potências, haja vista sua diferença cultural significar um perigo iminente. A construção do orientalista, ora exposta pela crítica de Said, nada mais é que a personificação de um tutor que precisava compreender “o outro” para, posteriormente, apaziguá-lo e, quiçá, controlá-lo.

Nessa lógica perversa, a formação de ditaduras pelo Oriente Médio e Magreb atendia aos interesses das potências, pois o processo de negociação sempre acaba sendo simplificado quando se trata apenas com uma parte envolvida (democracia significa pluralidade e múltiplas vontades; mais complexidade na negociação). A manutenção de ditadores em postos chave na região não era tida como violação de direitos, ou mesmo tributária de qualquer ação específica que merecesse atenção das potências.

No entanto, o modelo de repressão que se impunha à sociedade não mais possibilitava outra saída senão atos extremos, ou de desespero, como alguns poderiam classificar. A liberdade de manifestação é a primeira que se perde dentro de regimes de exceção, e os árabes muito bem sabem disso. As oposições foram extintas dentro dos regimes políticos em vigor e a população ficou sem voz interna. Como justificar, então, o movimento que se transformaria na mais nova “Primavera” da História?

Segundo Mario Vargas Llosa, escritor, jornalista e político, vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 2010,

O movimento popular que sacudiu países como Tunísia, Egito e Iêmen e cujas réplicas chegaram a Argélia, Marrocos e Jordânia é o mais completo desmentido de quem, como Thomas Carlyle, acredita que 'A história do mundo é a biografia dos grandes homens'. Nenhum caudilho, grupo ou partido político pode se atribuir esse levante social sísmico. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 19/02/2011)



Assim, o movimento tornou-se revolucionário porque não havia como sustentar o insustentável, exceto com o uso extremo da força (opção lançada por Kadafi para não deixar o poder), e, não é possível deixar de atribuir importância ímpar à população jovem dos países árabes. Até porque, segundo Ghiraldelli Jr,

O mundo árabe reacendeu aquilo que havia sido posto no final do século para a ex-Cortina de Ferro: os jovens querem ser jovens como os ocidentais inauguraram a juventude. De certo modo, é o que o filósofo norte americano Richard Rorty avaliou: a juventude das classes médias, no mundo todo, tende a ser o que mais se iguala, ao menos em determinados ideais. (BLOG DO FILÓSOFO, 2011)

Dessa forma, o fator que teria desencadeado todo o processo revolucionário guardaria relação muito próxima com a obra de Wedekind. “O despertar da Primavera Árabe” seria fruto de uma repressão que chegou ao extremo e fez com que o jovem, diante de uma perspectiva completamente adversa, seguisse seu instinto contestador, haja vista não haver lideranças e opções internas para seguir.

Se, 1968 passou distante dos países árabes, 2010-11 não deixa de ser o momento de fazer florescer a nova Primavera. A grande dúvida que ainda perdura para entender se, de fato, a “Primavera Árabe” será perpetuada, diz respeito a interesses externos. Até que ponto o Ocidente tem interesse em aceitar que a tão aclamada autodeterminação dos povos siga rumos que afaste os países árabes de sua esfera de poder?

O mapa do Oriente Médio e Magreb, gradativamente, vem sendo redesenhado à luz das mudanças de regimes políticos, contudo, mais do que caírem ditadores (vários desses países já vivenciaram esse processo), espera-se pelo momento posterior. Quem será alçado ao poder? Que legitimidade esse governo terá?

Por mais distante que esteja, e, por mais distinto que sejam os momentos políticos internacionais, uma preocupação maior ainda paira no ar, qual seja, de que a “Primavera Árabe” não seja tão curta quanto a “Primavera de Praga”, que o mundo não envie seus tanques para que se reconstrua o mundo árabe como reflexo dos interesses externos, pois esse seria mais um engodo da História e, por outro lado, daria a oportunidade para que movimentos fundamentalistas islâmicos ratificassem seu ódio contra o Ocidente e continuassem sua declarada “guerra santa”.

## REFERÊNCIAS

- GHIRALDELLI JR., Paulo. Direto do sonho na primavera árabe. Blog do Filósofo. Disponível em: <<http://ghiraldelli.pro.br/2011/03/05/direito-do-sonho-na-primavera-arabe>>. Acesso em: 15 março 2011
- HOURANI, Albert. Uma História dos Povos Árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LEWIS, Bernard. O Oriente Médio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- LLOSA, Mario Vargas. História Feita pelo Povo. O Estado de São Paulo. Caderno Internacional. Edição de 19 de fevereiro de 2011. Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110220/not\\_imp682018,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20110220/not_imp682018,0.php)>. Acesso em: 29 março 2011.
- PINTO, Maria do Céu de Pinho Ferreira. Infiéis na Terra do Islão: os Estados Unidos, o Médio Oriente e o Islão. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- SAID, Edward. Orientalismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. Geografia Crítica. São Paulo: Editora Ática, 2002.

*Artigo recebido dia 03 de abril de 2011. Aprovado dia 18 de abril de 2011.*

## **RESUMO**

A partir do início do século XX a dominação dos povos árabes do norte da África e Oriente Médio intensificou-se. As potências passaram a controlar os países e financiar ditadores. Em 2010-11 várias revoltas surgiram nesses países, clamando por liberdade e democracia. O Ocidente foi colocado em xeque, pois deve aceitar a autodeterminação dos povos ou continuar preservando seus interesses geopolíticos na região?

## **PALAVRAS-CHAVE**

Primavera Árabe; Revoluções; Ditadura.

## **ABSTRACT**

From the beginning of the twentieth century the domination of the Arab peoples of North Africa and the Middle East has been intensified. The Powers came to control these countries and support dictators. In 2010-11 several uprisings emerged in these countries, calling for freedom and democracy. The West was put in check; must it accept the self determination of the peoples or continue to preserve its geopolitical interests in the region?

## **KEYWORDS**

Arab Spring; Revolutions; Dictatorship.